



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **OS ARGONAUTAS. SUBSÍDIOS PARA A ANTIGA HISTÓRIA DO OCIDENTE.**

SARMENTO, Francisco Martins

Ano: 1887 | Número: 4

---

### **Como citar este documento:**

SARMENTO, Francisco Martins, Os Argonautas. Subsídios para a antiga história do Ocidente. *Revista de Guimarães*, 4 (1) Jan.-Mar. 1887, p. 5-20.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# OS ARGONAUTAS

SUBSIDIOS PARA A ANTIGA HISTORIA DO OCCIDENTE

## Introdução <sup>1</sup>

A expedição dos Argonautas era uma das maiores glorias da Grecia heroica, não só pelo tempo em que fôra effectuada (antes da guerra de Troia), como pelas peripecias que a caracterisavam.

Como se sabe, os heroes sahiram d'Iolchos e, depois d'atravessar o estreito dos Dardanellos, chegaram á Colchida. Estavam em vespéras de colher o fructo dos seus trabalhos, quando vêem sublevados contra si os colchidios, que os perseguem por todo o Euxino. Encurralados n'este mar sem sahida, porque o estreito lhes fôra tomado pelo inimigo <sup>2</sup>, como escapar-se?

Aqui as opiniões variavam; mas as que reuniam maior numero de votos eram duas. Segundo os historiadores, a que allude Timeu, os fugitivos dirigir-se-hiam á Palus Meotide e, tomando pelo Tanais e por outro rio anonymo, viriam ter ao Mar Cronio, Mar do Norte, voltando a Iolchos pelo Atlantico e pelo Mediterraneo <sup>3</sup>. É a versão do falso Orpheu.

---

<sup>1</sup> O estudo, de que publicamos a introdução, deve entrar no prelo dentro de pouco tempo.

<sup>2</sup> Circumstancia, expressamente mencionada por Timeu no lugar abaixo citado.

<sup>3</sup> Timeu, *Fragmenta historicorum græcorum*, 6, Ed. Didot.

Segundo outros, do Euxino vieram elles sahir ao Adriatico pelo Danubio e por outro rio, que do Danubio trazia a este mar, entrando em Iolchos, depois de varios incidentes, de que só importa nomear aqui a travessia pelo Pó e pelo Rhodano. É a versão d'Apollonio de Rhodes, o poeta que tratou este assumpto com verdadeiro amor.

Infelizmente para as glorias da Grecia heroica, nada d'isto resiste á critica mais benevola. Seria ingenuidade de mais acreditar que, antes da guerra de Troia, um povo grego qualquer estivesse no caso de emprender, não dizemos para a Colchida, para o Euxino, uma expedição maritima, que fizesse lembrar mesmo de longe a que nos descreve a *Argonautica* <sup>4</sup>; mas, ainda que tal expedição fosse admissivel, o itinerario da volta, um dos acontecimentos mais caracteristicos da empresa, era absolutamente impossivel, porque nem entre o Euxino e o Adriatico, nem entre o Euxino e o Mar do Norte havia as communicações, sonhadas pelos crendeiros gregos.

Não faremos a revista das hypotheses, com que no terreno historico <sup>5</sup> se tem pretendido resolver as difficuldades geographicas e chronologicas da famosa empresa, porque nenhuma d'ellas, que saibamos, se deu ao trabalho de discutir se os Argonautas eram gregos e o theatro do grande feito o Euxino; e é de vêr que, se tomássemos a sério as opiniões que dão aquelles pontos por assentes, o sub-titulo do nosso estudo soaria como um absurdo, pois que ninguem acreditaria na possibilidade de tirar das aventuras d'uns navegantes gregos, passadas no Euxino, o menor raio de luz para a historia do Occidente.

Mas os Argonautas eram gregos? o theatro geographico da sua expedição foi o Euxino? Aqui estão as duas questões, que vamos examinar n'esta introduccão, tanto para justificar as promessas do nosso escripto, como a pouca importancia que nos merecem as soluções, até hoje propostas.

Começaremos pela ultima, porque, resolvida ella, a primeira se resolve por si mesma.

<sup>4</sup> Observação já feita, entre outros, por Otfried Müller na sua obra *Orchomenos und die Mynier*; mas vid. sobretudo o principio e progressos da colonisação maritima dos Gregos em E. Curtius, *Histoire Grecque*, vol. I, pag. 507 e seg.

<sup>5</sup> Não faltam escriptores que vejam na *Argonautica* uma legenda puramente mythica. Nós teremos occasião de mostrar a inanidade de tal doutrina com relação ás legendas, de que havemos d'occupar-nos.

\*

O theatro da expedição dos Argonautas foi o Euxino e o seu principal objectivo uma Ea da Colchida? O primeiro documento grego que allude á afamada empresa é a *Odyssea*. Mas no tempo da *Odyssea* a Colchida ainda não era conhecida dos gregos <sup>6</sup>. O que d'aqui se conclue é que a legenda dos Argonautas era já corrente na Grecia antes da composição da *Odyssea*, mas que não podia lembrar então a ninguém que os heroes fossem parar á Colchida. E leia-se o texto homérico: — Antes de Ulysses, diz elle, apenas a divina Argo, voltando do paiz d'Aetes, tinha affrontado impunemente os perigos de Scylla e Charybde <sup>7</sup>. Ora, ainda que Scylla e Charybde devessem ser localisadas no Estreito da Sicilia, como querem os partidarios da chamada «*geographia homérica*», o que da *Odyssea* se infere muito terminantemente é que, no tempo do seu auctor <sup>8</sup>, Ea, ou o paiz d'Aetes, ficava para além do Estreito da Sicilia, para um mar em diametral opposição ao Euxino, para um mar do Occidente.

Agora o mais curioso é que os proprios mythographos, que vêem Ea na Colchida, lhe attribuem umas características topographicas, exclusivamente applicaveis a uma ilha do extremo Occidente. Com effeito, Apollonio diz-nos que Ea é uma *ilha nas extremidades do mar e da terra* <sup>9</sup>. As extremidades ou confins da terra foram sempre a zona mais occidental do antigo mundo. Assim, fallando por exemplo do Atlas, Hesiodo dir-nos-ha que a sua morada era nos confins da terra <sup>10</sup>. As extremidades do mar eram igualmente conhecidas no Atlantico, como o celebre *nec plus ultra*, que Hercules, o Hercules tyrio, pôde attingir e para além do qual toda a navegação se tinha por impossivel.

Vê-se pois que uma ilha Ea nas extremidades do mar e

<sup>6</sup> A historia da colonisação marítima dos Gregos, a que nos referimos acima, deixa este ponto fóra de toda a duvida.

<sup>7</sup> *Odyssea*, xii, 69-70. Alguns traductores, como M.<sup>me</sup> Dacier, poderão tomar a liberdade de dizer por sua conta que a divina Argo « voltava da *Colchida*, onde reinava o rei Aetes »; mas o texto original não falla, nem podia fallar na *Colchida*.

<sup>8</sup> *Brevitatis causa*. De resto, subscrevemos inteiramente á opinião dos que vêem na *Odyssea* composições de diversos authores.

<sup>9</sup> *Argonautica*, ii, 417-18. Ed. Didot.

<sup>10</sup> *Theogonia*, 517-18. Ed. Didot.

da terra, localisada absurdamente na Colchida, que só por anti-phrased pôde ser chamada uma ilha, tem um logar proprio nas regiões do Occidente; e, notando que o velho mythographo da Odyssea nos aconselha a procural-a n'esta direcção (não esqueça que o paiz d'Aetes e Ea são a mesma cousa), acode a suspeita se Apollonio, entre outros, não translocaria para as margens do Euxino uma ilha, que a legenda ante-homerica collocava no Occidente, e isto porque o obcecava uma grande illusão, que seria deslocado estudar aqui — obcecação tal, que nem lhe permittia vêr como a sua identificação geographica era formalmente desmentida pela topographia, que elle reproduzia fiel, mas inconscientemente.

Vamos seguir o caminho, que nos abre esta supposição e tentar determinar em que parte do Occidente poderia ficar esta ilha das extremidades do mar e da terra.

A associação das duas indicações é já preciosa. Á primeira vista dir-se-hia disparatada e contendo affirmativas incompativeis, porque a phrase — extremidades do mar — suscita naturalmente a concepção d'um ponto  $x$  para além do Atlantico e procurar ahi uma ilha qualquer, seria tanto mais phantastico, que na idéa dos antigos a terra era toda cercada pelo Oceano<sup>11</sup>. As extremidades do mar não podiam pois coincidir nunca com as da terra.

Quando se repara porém que os navegantes antigos, a quem devemos as denominações que nos occupam, sem duvida alguma os Phenicios, só faziam viagens costeiras no Atlantico, comprehende-se muito bem como as extremidades da terra podiam coincidir com as do mar e o que elles entendiam por extremidades do mar. Eram um ponto  $x$  na costa sobre o Atlantico, e para além do qual os seus navios não podiam avançar. É por isso que extremidades do mar, *nec plus ultra*, Columnas d'Hercules, se tornaram termos perfectamente synonymos, e pelo ultimo se vê que não havia um, mas dous pontos, em que as extremidades do mar, assim entendidas, coincidião com as extremidades da terra — o que não é para estranhar, desde que se observa que as navegações phenicias no Atlantico eram em duas direcções divergentes, uma para o Mar Austral, ao longo da costa lybica, outra para o Mar do Norte, ao longo da costa europeia.

<sup>11</sup> Vid. sobre este ponto as apreciações de Strabon (I, 1, 3, Ed. Didot) ácerca das opiniões d'Homero.

Em conclusão, a associação dos dous termos, extremidades do mar e da terra, indica-nos dous pontos, um na costa occidental da Africa, outro na costa occidental da Europa, qualquer dos quaes se considerava como o *nec plus ultra* da navegação dos antigos.

Para averiguar agora em qual d'elles devíamos procurar a mysteriosa ilha Ea, poderíamos guiar-nos pela localisação dada às Columnas d'Hercules. Os Gregos collocavam uma na costa da Lybia, outra na costa europeia; e até aqui muito bem: mas com a sua leviandade do costume fixavam-nas nas margens do Estreito de Gibraltar, sem repararem por exemplo, que, marcando a columna libyca o *nec plus ultra* da navegação d'Hercules para a Lybia, tendo elle n'esta navegação chegado ao Jardim das Hesperides, nas immediações do Atlas, era por perto do Atlas e não no Estreito de Gibraltar que elle poderia erguer um monumento, que commemorava aquelle feito e indicava os limites que nenhum outro navegador se atreveria a ultrapassar.

Se pois fosse n'esta direcção que tivéssemos de procurar a ilha Ea, não hesitariamos um segundo se era pelas proximidades do Atlas que deveríamos orientar as nossas buscas; mas a geographia d'Orpheu, dando-nos como scenario d'algumas aventuras dos Argonautas o Mar Cronio<sup>12</sup>, mar naturalmente indicado, como o limite das navegações phenicias ao longo da costa europeia, chama-nos irresistivelmente para esta região.

A presença dos Argonautas no Mar do Norte não era uma opinião pessoal d'Orpheu, isto é, de quem quer que se encobriu com o seu nome; partilhavam-n'a, conforme já dissemos, os escriptores conhecidos de Timeu. O facto porém só teria verdadeira importancia, se fosse unanimemente aceito; e, como já vimos, ahi temos Apollonio e a sua escola desmentindo-o rudemente, porque, além de substituir o Adriatico ao Mar Cronio dos seus predecessores, nos descreve o itinerario pelo Adriatico com taes minuciosidades, que é bem possivel que fosse em attenção a ellas que a velha versão cahiu no desprezo.

Aquellas minuciosidades são effectivamente a muitos res-

---

<sup>12</sup> O Mar Cronio, ou Saturnio, dos antigos começava no Passo de Calais. É preciso ter presente esta observação, que se applica ao Mar do Norte, que lhe damos por synonymo.

peitos notáveis; mas nós vamos vêr o que ellas valem em si mesmas e com relação a um desmentido á estada dos Argonautas no Mar Cronio.

Examinemos de mais perto o celebre itinerario. Podendo aventar os sinistros projectos que Aetes medita contra elles, os Argonautas fogem subitamente d'Ea; mas, em vez de seguirem o caminho, por onde vieram, o do estreito, deliberam voltar por «outra navegação», aconselhada por Argus, um neto do rei Aetes que com seus irmãos e Medea se bandeára aos estrangeiros.

Aqui estão agora as instrucções dadas por Argus, para que os seus amigos levem a bom termo a navegação que lhes inculca: — Nas regiões da noite, não muito longe dos Montes Ripheus, nasce um rio, que chegando aos limites da Thracia e da Scythia, se separa em dous braços. Um d'estes braços desagua no «ultimo corno do Oceano», o outro no Mar da Sicilia. É por estes dous rios que os fugitivos hão de effectuar a sua escapula do mar em que se vêem, começando por subir o rio que desemboca no «ultimo corno do Oceano», e chegando por elle ao segundo rio que os trará ao Mar da Sicilia — mar, diz Argus, que «os aproxima da sua terra»<sup>13</sup>.

Bem que o nome d'este ultimo rio não seja expressamente mencionado, nenhuma duvida pôde haver que se trata aqui do Rhodano; quanto ao primeiro, Apollonio nomeou-o com todas as letras: é o Ister (Danubio). Assim os Argonautas, para se escapulirem do Euxino, teem de subir o Ister até ás suas fontes, que, por serem communs com as do Rhodano, lhes permitem passar logo para este rio e descer por elle ao Mediterraneo.

Este caminho não tem nada d'impossivel; e, supposto os dous rios tenham fontes independentes, não distam ellas tanto umas das outras, que se não desculpe a liberdade poetica de as fazer communs. Fica-se porém inteiramente desorientado, quando se vê que, em lugar de seguir aquelle itinerario, os fugitivos seguem outro muito diverso e de todo em todo impossivel, porque do Ister passam para o Adriatico por um rio imaginario<sup>14</sup>; no Adriatico sobem o Pó, e é pelo Pó que che-

<sup>13</sup> *Argonautica*, iv, 250-288.

<sup>14</sup> Já Strabon e Plinio, que parecem partilhar as opiniões d'Apollonio, confessavam que o pseudo-Ister que trouxera, segundo o poeta, os Argonautas ao Adriatico, era cousa que não existia.

gam ao Rhodano, que os traz ao Mar da Sicilia. E, para explicar a possibilidade d'este ultimo facto, Apollonio refaz a noticia, que nos deu atraz, ácerca do mysterioso rio que nasce pelos Montes Ripheus. Este rio não se divide em dous braços, como elle escreveu acima, mas em tres, que são, além do Ister, o Rhodano e o Pó <sup>15</sup>. O Ister, Rhodano e Pó teem portanto fontes communs, e por isso tanto se pôde chegar ao Rhodano, subindo o Ister, como subindo o Pó.

Pelo visto os Argonautas não tomaram pelo caminho indicado por Argus, e, n'uma palavra, o itinerario vai-se tornando uma embrulhada insupportavel, onde o que mais dá na vista são os absurdos, um dos quaes vamos especificar, saberemos logo porque. Subindo o Pó, os navegantes foram ter ao Paiz dos Lagos (Suiça actual) e ás proximidades do Bosque Hercynio, onde estiveram em riscos de tomar pelo Ister, que os levaria a um mar de perdição (ao Euxino). A deusa Hera avisa-os do seu engano; elles « retrocedem o caminho » e veem ganhar o Rhodano, que os traz ao suspirado Mar da Sicilia <sup>16</sup>.

Aprecié-se o tamanho d'este absurdo, lembrando que as fontes do Pó estão separadas do Paiz dos Lagos e do Bosque Hercynio nada menos que pelo enorme massiço dos Alpes <sup>17</sup>.

Absurdos da mesma especie formigam em toda a descripção do itinerario. Como porém alguns d'elles se assemelham extremamente ao que já relevamos no estudo da topographia d'Ea, urge saber se elles não provirão de causas identicas, e por isso vamos empregar no seu exame o processo que adoptamos acolá, a saber: — desprezar as identificações geographicas d'Apollonio, interpretando no seu sentido obvio as indicações que elle nos dá.

Considerando sob este aspecto as instrucções d'Argus, chamam-nos já a attenção duas singularidades. Argus diria

<sup>15</sup> *Argonautica*, 627-34.

<sup>16</sup> *Id.*, 634-42.

<sup>17</sup> Apollonio ainda torna maior o absurdo, dando a entender que os navegantes passaram do Pó para o Rhodano, que « conflua com o Pó » e que pelo Rhodano é que foram ter ao Paiz dos Lagos, de sorte que, procurando o Rhodano, para descerem por elle ao Mar da Sicilia, em vez de o descer, sobem-n'o, como se podessem encontrar o mar desejado nas fontes do rio. A continuação da nossa critica mostrará por que tomamos a liberdade de simplificar o absurdo do nosso poeta.

aos seus amigos que o Ister desaguava no « ultimo corno do Oceano », e que por elle os fugitivos chegariam ao Rhodano e por ahi a um mar que « os aproximava da sua terra ». Ora o mar, em que desagua o Ister é, como se sabe, o Ponto Euxino; e nunca ninguem lhe chamou Oceano, sem exceptuar o proprio Apollonio, que, afóra esta passagem <sup>18</sup>, lhe chama sempre Ponto, conforme a denominação corrente, nem a topographia da região, onde desemboca o Ister, authorisa ninguem a escrever que elle desagua n'um corno do mar <sup>19</sup>; mas, e sobretudo, « corno do Oceano » era uma phrase quasi consagrada, para designar a parte do Mar do Norte, onde desaguava o Rheno <sup>20</sup>. Se pois interpretamos no seu sentido mais obvio as instrucções, que Apollonio põe na bocca d'Argus, o caminho que elle aconselhava aos seus amigos não era o do Ister e Rhodano, mas o do Rheno e Rhodano; e claro é então que o ponto de partida da volta não era o Euxino, mas o Mar do Norte, o Mar Cronio d'Orpheu.

Sendo assim, desaparece a outra extravagancia do seu alvitre, para se tornar uma observação mais que aceitavel. Inculcar a uns navegantes, que do Euxino querem vir para a Grecia, uma navegação pelo Ister e Rhodano, a pretexto de que pelo Rhodano irão sahir a um mar que os « aproxima da sua terra », quando esse mar é o da Sicilia, seria um conselho que só por escarneo poderia ser lembrado. Dado no Mar do Norte, e com relação á travessia pelo Rheno, aquella observação, nem mesmo por ociosa, pôde ser estranhada; porque pela navegação do Rheno é mais difficil atinar com o Rhodano, do que com o Ister, e, seguindo por este rio, como já vimos que esteve a succeder aos Argonautas « por engano », iriam os navegantes parar a um mar, ao Euxino, que os distanciaría muito da sua terra.

Certo é que, assim entendido, o itinerario, ensinado por Argus aos seus amigos, é o caminho mais curto que elles podiam seguir, e é para notar que tal itinerario não só não é absurdo, como o d'Orpheu e o que Apollonio admittiu definitivamente, mas é tão praticavel, como o do Sequana e Rhodano, que em tempos posteriores se tornou uma estrada com-

<sup>18</sup> E n'outra correlativa (iv, 630-31), onde escreve que o Ister, cujo nome omitta d'esta vez, desaguava nas praias do Oceano.

<sup>19</sup> Como para tornar mais saliente a incongruencia, o Borysthenes, logo acima do Danubio, desagua n'um « corno » do Euxino.

<sup>20</sup> Hesiodo, *Theogonia*, 787-89; mas comp. pag... d'este estudo.

mercial muito conhecida entre o Mar da Mancha e o Mediterraneo <sup>21</sup>.

O leitor de certo não acredita, como nós não acreditamos, que seja por um milagre do acaso que o itinerario d'Argus, visto á luz d'uma interpretação que não pôde ser mais obvia, se torne tão simples e natural, tão exacto nas suas particularidades, quando se vê n'elle uma travessia do Mar do Norte para o Mediterraneo pelo Rheno e Rhodano, que ninguém, encarregado de a descrever a traços largos, o faria melhor.

Não hesitamos por isso em afirmar que Apollonio fez á geographia do itinerario d'Argus o mesmo que fez á geographia d'Ea, tanto mais que estão bem á vista as razões que o levaram ás deturpações, com que a desfigurou. De facto, pois que é sua convicção arraigada que os Argonautas estão no Euxino, necessariamente só por um rio do Euxino os pôde fazer sahir. É portanto forçado a substituir pelo primeiro rio, mencionado por Argus, um rio do Euxino e substitue-o pelo Ister menos arbitrariamente do que parece, porque a velha legenda alludia ao Ister e precisamente a proposito da famosa travessia <sup>22</sup>. Tão levemente porém é feita a substituição, que Apollonio applica ao Ister as características topographicas que o informador dos Argonautas attribuia e justamente ao Rheno, fazendo-o desaguar no ultimo corno do Oceano, e copia a observação não menos característica de que pelos dous rios os navegantes, demandando o Mar da Sicilia, ganhariam um mar que « os aproximava da sua terra », sem reparar que qualquer das cousas era um rematado absurdo na sua concepção.

Mas foi isso mesmo o que elle já fez com a topographia d'Ea; é isso mesmo o que o veremos fazer tantas e tantas vezes, que não receiamos ser desmentidos, estabelecendo que os seus absurdos são, em regra geral, revelações importantes e na razão directa da enormidade d'elles.

Esta convicção põe-nos em guarda contra os enormes absurdos, editados pelo poeta, quando na execução do itinerario nos mostra os seus heroes seguindo, não o caminho do Ister e Rhodano, como segundo o seu modo de pensar lhes aconselhára Argus, mas a impossivel travessia do Euxino para

<sup>21</sup> Strabon, iv, 1, 14. Diod. Siculus repete a mesma noticia.

<sup>22</sup> No engano, que ia tendo logar no Bosque Hercynio.

o Adriatico, do Adriatico para o Mar da Sicilia, com escala pelo Bosque Hercynio. O que primeiro occorre em face da flagrante contradicção de fazer chegar os navegantes ao Rhodano, primeiro pelo Ister, depois pelo Pó, é que o poeta na segunda passagem abandonou as informações d'esse verídico Argus, que tão bem o guiava, embora o poeta não dêsse por isso, para aceitar ineplamente as phantasias d'um segundo informador. Sem sahirmos, porém, do methodo, que até aqui havemos seguido, vamos desenganar-nos de que o labyrinthico itinerario d'esta segunda passagem não é ainda senão o itinerario d'Argus, estropiado segunda vez por novos prejuizos, que desvairavam o nosso poeta.

Duas simples observações bastam para tirar a esta affirmativa o seu character paradoxal: — Apollonio fez agora chegar os Argonautas ao Rhodano, não pelo Ister, mas pelo Pó: ao Pó chama elle porém Eridano e nós sabemos positivamente que foi Pherecydes o primeiro que identificou o Eridano com o Pó <sup>23</sup>; antes d'elle o Eridano era o Rheno. Se pois Apollonio reproduz aqui a geographia da legenda e ella lhe dizia que na execução das instrucções d'Argus os heroes tinham seguido pelo Eridano e Rhodano, dizia então que elles tinham seguido pelo Rheno e Rhodano, portanto pelo caminho que o seu informador lhes inculcára.

Para averiguarmos, se Apollonio substitue agora o Eridano pelo Pó, por estar imbuido no prejuizo de Pherecydes, temos um meio, que não pôde ser mais infallivel: é, verificar se os incidentes, que elle narra como succedidos na navegação pelo Pó e que já vimos não poderem ser mais absurdos, se tornam possiveis n'uma navegação pelo Rheno. Ora nós vamos reconhecer que não sómente são possiveis, mas que teem ahi uma applicação d'um rigor verdadeiramente surprehendente.

Vejamus. Para vir do Mar do Norte para o Mediterraneo pelo Rheno e Rhodano, é preciso largar o Rheno n'um certo ponto, em que possa ganhar-se mais facilmente o Doubs <sup>24</sup>,

<sup>23</sup> Pherecydes, Fragm. 33.<sup>c</sup>, Ed. Didot., Hygin. *Fabul.* Phœthon, Heliades. Pherecydes escreveu no sec. v a. C.

<sup>24</sup> Para isso era necessario que os navegantes transportassem por terra os seus barcos d'um rio para outro. Mas é isso mesmo o que faziam os antigos, e mais do que isso fizeram os Argonautas na Lybia, como veremos. O mais curioso porém é que Plinio (*Hist. Nat.* III, 22) nos conservou a tradição do acontecimento que nos occupa, bem que deturpando-o d'uma maneira, que não deixa nada a desejar aos absurdos d'Apollonio.

que vem sahir ao Rhodano. Quem não estiver bem pratico n'este caminho, em summa, quem se enganar, continúa naturalmente a subir o Rheno e vai parar justamente ao Paiz dos Lagos e ás immediações do Bosque Hercynio, se apenas fôr guiado por informações como as que Apollonio põe na bocca d'Argus. Reconhecido o engano, o remedio é retroceder o caminho pelo Rheno até onde seja facil a passagem para o Doubs.

Ora é tudo isto, ponto por ponto, salva a omissão do Doubs, o que nos conta o poeta, mas como acontecido na navegação pelo Pó, onde nenhum d'aquelles incidentes pôde quadrar de modo algum. E, como adaptados a uma navegação pelo Rheno, elles respiram authenticidade por todos os póros, deixem-nos dizer assim, é impossivel duvidar, crêmos nós, de que não fosse Apollonio ou a sua escola quem translocou para o Pó quanto a legenda applicava ao Rheno <sup>25</sup>, e que o motivo capital d'esta translocação não fosse devido á identificação do Pó com o Eridano, engenhada por Pherecydes, e depois quasi geralmente adoptada.

A influencia d'este deploravel prejuizo acaba de descortinar os motivos, que forçaram Apollonio a desorganisar tão profundamente a geographia do itinerario e a pôr-se em contradicção comsigo mesmo. Na primeira passagem, quando nos reproduz as instruccões d'Argus, elle substitue o Ister ao rio que desaguava no « ultimo corno do Oceano », e já dêmos d'esta substituição uma razão satisfactoria ; agora apparece-nos outra ainda mais decisiva. É quasi certo que Argus mencionava expressamente o Eridano (o Rheno) e, sendo o Eridano para Apollonio o Pó, que sabia no Adriatico, admittir a lição d'Argus, quando este affirmava que os fugitivos se tinham escapado, pelo Eridano, do mar em que se viam presos, era o mesmo que admittir que este mar era o Adriatico, o que para o nosso poeta devia soar como uma heresia. Assim elle substitue pelo Ister o rio que desaguava no « ultimo corno do Oceano » e suprime-lhe o nome proprio, talvez sorrindo-se d'um ignorante que punha o Eridano no Euxino. Com estas ineptas correccões necessariamente havia de crear uma contradicção, aceitando o texto da segunda passagem, como lh'o dava a

---

<sup>25</sup> E aqui está a razão, porque simplificamos o absurdo d'Apollonio, como dissemos na nota 17. Não estamos longe de pensar que a sua semi-sciençia forjou aquellas complicações.

legenda, porque se aqui os Argonautas chegavam ao Rhodano pela navegação do Eridano-Pó, acolá chegavam pela navegação do Ister. Como venceu elle a difficuldade? Cortou-a sem dó, nem consciencia; nem outra cousa podia fazer, a não obrigar todo o itinerario a modificações profundas <sup>26</sup>: os fugitivos sobem o Ister até um certo ponto e d'ahi hão de vir, seja como fôr, para o Adriatico, onde os espera o Eridano de Pherecydes. N'esta travessia phantastica, Apollonio abandonou o seu guia historico; mas, na subida pelo falso Eridano, lá o segue de novo passo a passo, contando-nos o que elle contava na subida do Eridano verdadeiro <sup>27</sup>, e, segundo o seu costume, sem dar pelos absurdos que forjou com os seus equívocos.

Se o leitor meditou um pouco nos problemas que offerece esta parte da Argonautica d'Apollonio — e claro é que sem algum trabalho da sua parte e algum conhecimento do assumpto, taes problemas ficarão sempre escuros, qualquer que seja a sua decifração — e seguiu com cuidado as nossas demonstrações, temos inteira certeza de que as achará decisivas e ha de subscrever á restauração que fazemos do itinerario dos Argonautas, a tantos respeito celebre. Argus, um neto do rei Aetes, diz-lhes que hão de subir por um rio que desagua no ultimo corno do Oceano, o Eridano (nome que Apollonio supprimiu substituindo-lhe o do Ister por motivos, que já explicamos), e que d'ahi passarão para um segundo rio, o Rhodano, que os trará a um mar que os aproxima da sua terra, o Mar da Sicilia. Os heroes sobem effectivamente pelo Eridano (Rhen); mas, em vez de tomarem a tempo o rio que os traz ao mar que os aproxima da sua terra, enganam-se e vão parar ao Paiz dos Lagos e ao Bosque Hercynio, onde estiveram a tomar um rio, o Danubio, que os levaria a um mar de perdição (o Euxino). É muito de crêr que, quando Argus accentua que o Mar da Sicilia os aproximava da sua terra, elle acrescentasse que a observação não era inutil, por haver gran-

<sup>26</sup> Por se não atrever a semelhantes modificações e seguir, pôde dizer-se sempre, a narrativa historica, mas interpretando-a á luz dos seus preconceitos, é que os seus absurdos se tornam revelações preciosas.

<sup>27</sup> É tambem decerto por isso que elle dá ao Adriatico (iv, 507-9) o nome de Mar Saturnio (Cronio), que a legenda devia dar ao mar, onde sahia o verdadeiro Eridano, e que applicado ao Adriatico é um disparate, que alguns interpretes teem querido explicar com outros dispartes.

de facilidade em irem parar a um mar que os distanciava muito d'ella, o Euxino; que os premunisse emfim contra a possibilidade do engano, em que estiveram a cair, e que remediarão, retrocedendo pelo caminho, que os levou ao Paiz dos Lagos, pelo Rheno, e vindo ganhar o Rhodano.

Nós escusamos de perder tempo, nos parece, a demonstrar o cunho historico d'este itinerario. Elle contém a prova provada da sua authenticidade nos incidentes que o caracterizam e que ninguém saberia improvisar <sup>28</sup>.

Admittida a nossa interpretação, força é admittir que em Ea, uma ilha que temos de localisar no Mar do Norte, havia já em épocas anteriores á guerra de Troia quem conhecia tão exactamente a hydrographia da Europa central e a navegação do Rheno, Danubio e Rhodano, como a conhecia o informador dos Argonautas, que Apollonio nos põe em scena, e isto parecerá pouco menos de fabuloso; mas o proprio Argus explica os seus conhecimentos geographicos com razões tão simples, como surprehendedentes. Porque só mais tarde podem ser analysadas com proveito, limitamo-nos aqui a prognosticar que o leitor as ha de achar plenamente satisfactorias.

Assentemos por enquanto que o itinerario tem um caracter historico, e desafiamos a quem quer que seja que lh'o destrua com bons ou maus argumentos. E terminando as considerações que tínhamos a fazer sobre as contradicções entre a versão d'Orpheu e d'Apollonio, podemos estabelecer que este, longe de desmentir a affirmativa d'Orpheu e da sua escola quanto á presença dos Argonautas no Mar Cronio, não só a confirma, bem que inconscientemente, mas reduzindo a nada aquella opinião pelo que respeita á assombrosa travessia da Colchida para aquelle mar pelo Tanais, deixa-nos vêr muito claramente que a ilha Ea nas extremidades da terra e do mar já ficava no Mar Cronio e em posição tal, que, não podendo sahir pelo Estreito, por onde lá chegaram, os fugitivos tiveram d'escapar-se pela navegação do Rheno e Rhodano, isto é, que o Mar Cronio não foi unicamente o theatro das aventuras dos Argonautas muito depois da fugida d'Ea, como queria Orpheu,

---

<sup>28</sup> Para isso seria necessario conhecer a hydrographia da Europa central, e mesmo os contemporaneos d'Apollonio podiam conhecê-la tão bem, que ainda depois, no tempo de Polybio, este historiadore escrevia que de Narbona para o norte se não sabia absolutamente nada.

mas o theatro das suas aventuras, a começar pelo menos nas scenas passadas em Ea.

\*

Nada mais facil então do que reconstruir o scenario de todas ellas nos seus traços principaes. O mar, em que os expedicionarios se viram encurralados, foi o Mar do Norte; a ilha nas extremidades do mar e da terra, proxima d'um estreito, é a Inglaterra; o estreito o Passo de Calais; e, pois que o estreito já fica para áquem de Cytaia, a capital do reino de Aetes, onde os Argonautas correram o primeiro perigo, que os obrigou a fugir a toda a pressa, é evidente que a Cytaia de Aetes ha de ser procurada na costa oriental da Inglaterra.

D'aqui resulta que os Gregos de certa época, fascinados por umas illusões, que explicaremos em logar mais opportuno, translocaram tudo isto: a ilha Ea tornou-se a Colchida, o estreito os Dardanellos, etc. etc. No itinerario da ida estas falsificações, feitas com a melhor boa fé, crêmol-o deveras, não offereceram grandes difficuldades; no itinerario da volta, pelo contrario, as difficuldades tornaram-se verdadeiramente insolúveis e nós vimos como Orpheu e Apollonio se sahiram d'ellas.

\*

Esclarecida a questão geographica, a primeira que nos propuzemos tratar n'esta introdução, a segunda resolve-se por si mesmo, conforme predissemos. Escusado discutir se os Argonautas podiam ser gregos; os Gregos em tempo nenhum fizeram expedições maritimas para o Mar do Norte. Se se pergunta quem elles deviam ser, a resposta é simples e forçada: foram os Phenicios, e não ha duvida alguma n'este caso em aceitar por historico o dado chronologico da legenda, quando remonta a expedição para além da guerra de Troia. Antes do tempo d'Homero os Phenicios — diz Strabon, apoderaram-se do melhor da Lybia e da Iberia <sup>29</sup> e nós veremos que foi muito

---

<sup>29</sup> Strabon, III, II, 14.

provavelmente a idéa fixa de conhecer e explorar a mysteriosa ilha das extremidades da terra e do mar que os trouxe ao sudoeste da Hispanha.

\*

Que é então a Argonautica? Para nós é a legenda das primeiras explorações maritimas dos Phenicios para o Atlantico <sup>30</sup>, attribuidas pelos Gregos a compatriotas seus, como succedeu com muitas outras em que elles puzeram a mão, e deturpada na parte geographica, sobretudo quando os semi-eruditos começaram a notar que o campo dos feitos dos seus primeiros marinheiros <sup>31</sup> não podia deixar de ser uma região facilmente accessivel aos seus navios, acrescentando que certas coincidencias topographicas e historicas, que examinaremos a seu tempo, davam uma plausibilidade tal qual ás suas erradas interpretações.

As estranhas revelações d'Apollonio, que já conhecemos e que poucas são á vista das que estão por vir, dizem-nos que o poeta reproduz uma narrativa tão minuciosa e ao mesmo tempo tão exacta nas suas minuciosidades, que é impossivel deixar de acreditar que na grande maioria dos casos elle não copie fielmente uma relação historica. De que mão pôde ella vir? Todos os incidentes do celeberrimo itinerario d'Argo são acontecimentos historicos superiores a toda a contestação, dissemos e repetimos; portanto só os proprios expedicionarios phenicios os poderiam descrever.

Mas taes acontecimentos perpetuaram-se entre os Phenicios sómente pela tradição oral e foram os Gregos os primeiros que os reduziram a escripta? Nenhuma das duas hypotheses é admissivel. Nem a tradição oral phenicia podia conservar factos tão minuciosos e exactos até á composição das Argonauticas gregas, nem o character absurdissimo que elles revestem n'estas composições poderia ser explicado, como explica, por meros erros d'interpretação, sem presuppôr um anti-

---

<sup>30</sup> Não tardaremos a vêr que os Argonautas tambem foram parar ao Jardim das Hesperides, depois da sua expedição a Ea.

<sup>31</sup> A nau Argo era para os crendeiros gregos a primeira de quantas houve em todo o mundo.

go texto, que os interpretes gregos estropiaram, como temos demonstrado.

Em vista d'isto nós crêmos deveras na existencia d'uma Argonautica phenicia, que se foi desfigurando pouco e pouco na mão dos Gregos, até que a penna d'Apollonio a fixou na fôrma, que lhe vemos hoje.

Não obstante as substituições que em muitos pontos, e infelizmente em pontos de capital importancia, como nos nomes geographicos e ethnicos, soffreu a primitiva Argonautica, imagine-se ainda assim se a obra d'Apollonio, que a reproduz em muitissimos outros com fidelidade, poderá ou não dar alguma luz para a antiga historia do Occidente.

Reorganisar a narrativa original até onde se torne possível será o objecto do nosso presente estudo. O poema d'Apollonio vai ser o nosso principal guia. <sup>32</sup> Ha porém outras lendas que nos fornecem dados muito importantes — taes são o 10.º e 11.º trabalho d'Hercules e a parte da Odyssea respectiva aos Errores d'Ulysses — que entendemos dever estudar primeiro, na convicção de que o terreno, em que queremos assentar a nossa restauração, ficará assim consideravelmente desbravado.

Guimarães, 8 de novembro de 1886.

F. MARTINS SARMENTO.

---

<sup>32</sup> A *Argonautica* d'Orpheu, contendo aliás indicações curiosas, parece mais uma obra de remendos do que outra cousa. Figura-se-nos impossível que alguém possa atinar com o fio d'aquelle labyrintho.